

HOMOSSEXUALIDADES E HETERONORMATIVIDADE NOS MODOS DE VIDA GAY: UMA REVISÃO NARRATIVA

*HOMOSEXUALITIES AND HETERONORMATIVITY IN GAY WAYS OF LIFE:
A NARRATIVE REVIEW*

DOI: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e1.a2021.pp960-968>

Recebido em: 23.07.2020 | Aceito em: 13.11.2020

Francisco Francinete Leite Junior^{*a}, Hérciles Vinícius Pereira Sisnando^a

**Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO^a
E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br**

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir em como se dá a vivência do corpo, do gênero e a sexualidade pelos sujeitos gays a partir dos discursos acadêmicos apresentados nos artigos científicos, como o objetivo de identificar como vem sendo discutida a homossexualidade no meio acadêmico. Inicialmente trataremos dos termos corpo, gênero e sexualidade e por fim exploraremos o que vem sendo produzido no meio científico acerca dos indivíduos gays. Para tanto, foi desenvolvido no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, vinculado ao Projeto de Iniciação Científica intitulado: Corpo, Gênero e Sexualidade: Cartografando Modos de Vida LGBT na Região do Cariri, em 2017. Nesse sentido, se faz necessário ainda desconstruir uma heteronormatividade gay que nos faz pensar que o sexo só é possível se houver uma dicotomia, um ativo e passivo, um que domina e outro dominado, percebemos ainda que os próprios homossexuais são também participantes de posturas preconceituosas por rotularem, e criarem grupos e subculturas, tornam-se componentes de um corpo social exageradamente heterossexista que faz com que se escondam em perfis na internet, no qual se sentem seguros para demonstrarem os seus desejos e afetos.

Palavras-chave: Homossexualidade; Heteronormatividade; modos de vida, Revisão Narrativa.

ABSTRACT

This article aims to reflect on how the body, gender and sexuality experience by gay subjects based on academic discourses presented in scientific articles, with the objective of identifying how homosexuality has been discussed in academia. Initially, we will deal with the terms body, gender and sexuality and finally we will explore what has been produced in the scientific community about gay individuals. To this end, it was developed at the Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, linked to the Scientific Initiation Project entitled: Body, Gender and Sexuality: Mapping LGBT Lifestyles in the Cariri Region, in 2017. In this sense, it is still necessary to deconstruct a gay heteronormativity that makes us think that sex is only possible if there is a dichotomy, an active and passive, one that dominates and another dominated, we also realize that homosexuals themselves are also participants in prejudiced postures for labeling, and creating groups and subcultures, become if components of an exaggeratedly heterossexist social body that makes them hide in profiles on the internet, in which they feel safe to demonstrate their desires and affections.

Keyword: Homosexuality; Heteronormativity; ways of life, Narrative Review.

INTRODUÇÃO

*“O teu pai já me jurou de morte
por eu te desviar
Se os boatos criarem raízes
Ousarias me olhar? Ousarias me ver?
Dois meninos num vagão e o mistério do prazer
Perigoso é me amar, obscuro querer”
Averso – Jorge Vercílio*

O comportamento sexual frequentemente iniciado na adolescência ou vida adulta jovem é um dos elementos que compõem o contexto de experiências significativas na constituição dos sujeitos. As vivências dos adolescentes e adultos jovens que rompem com os limites da heteronormatividade é o objeto de estudo desta pesquisa, já que esta tem como propósito perceber como a literatura acadêmica tem percebido a homossexualidade.

Assim, este artigo que fora desenvolvido no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em Juazeiro do Norte- CE, sendo um dos frutos do Projeto de Iniciação Científica intitulado: Corpo, Gênero e Sexualidade: Cartografando Modos de Vida LGBT na Região do Cariri, em que se reflete acerca das identidades e vivências dos indivíduos que se reconhecem por uma dessas letras da sigla LGBTTTQ+ e são representados por esses movimentos sociais. No qual cada integrante realizará pesquisas a respeito das identidades sexuais e de gênero representadas por cada uma das letras do movimento citado.

Diante disso, a letra G representa os Gays, termo utilizado comumente como sinônimo de Homossexual Masculino, que de acordo com Peter Fry (1985), é compreendido como aquelas pessoas que em grande parte, são mais flexíveis aos papéis sociais frequentemente atribuídos a homens e mulheres, porém deixa claro anteriormente, o problema para a sua conceituação pelo fato de a homossexualidade ser “uma infinita variação sobre o mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo” (p.7), assim adquirindo diversas características frente ao momento histórico, social e cultural, principalmente nas sociedades com um maior desenvolvimento industrial por cultivarem grandes diferenças sociais, elaborando diversos papéis que variam segundo as regiões e segmentos públicos que se modificam concomitantemente as transformações na realidade social.

As mudanças de contextos alteraram também de forma significativa as relações com o corpo, o gênero e a sexualidade, provocando diversas discussões sobre os mecanismos de poder que ditam as leis e regras para a vivência dos sujeitos dentro dessas três esferas. Tais

mecanismos são trabalhados para a manutenção do poder por aqueles que são tidos como normais, os heterossexuais cis-gênero, tornando assim, todas as outras formas de relações com essas dimensões como desviantes.

É perceptível que desde muito tempo o discurso sobre a homossexualidade vem ganhando espaço, a importância de se trabalhar esse tema é que a partir da produção conhecimento e disseminação do mesmo nos é possível abalar as estruturas das normas vigentes, permitindo assim, a abertura para as novas possibilidades de existir e vivenciar o desejo na sua plenitude. No âmbito social falar da homossexualidade é contribuir para desconstruir os valores e o conservadorismo arraigados, para assim não emitir julgamentos e condenar o outro por viver da forma que lhe é conveniente. No que se refere à Psicologia, tratar da diversidade sexual é, ao mesmo tempo contribuir para a dissolução dos preconceitos e promover um debate ético-político acerca das possibilidades da clínica psicológica no atendimento ao público LGBTTTQ+.

Propõe-se nesse estudo a refletir sobre como se dá a vivência do corpo, do gênero e a sexualidade pelos sujeitos gays a partir dos discursos acadêmicos apresentados nos artigos científicos, como o objetivo de identificar como vem sendo discutida a homossexualidade teoricamente. Inicialmente trataremos dos termos corpo, gênero e sexualidade e por fim exploraremos o que vem sendo produzido em parte da literatura científica acerca dos indivíduos gays.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e descritivo. Compreende-se a pesquisa qualitativa pela busca de explicar as questões que não podem ser quantificadas, faz uso de simbologias, significados e crenças procurando entender os fenômenos de uma forma mais aprofundada, utilizando-se de interpretações, comparações e descrições (MARCONI; LAKATOS, 1991).

Conforme Gil (1999), o aspecto exploratório da pesquisa se constitui em seu objetivo de desenvolver, esclarecer e modificar concepções e pensamentos, com uma maior liberdade de planejamento, apresentando uma ideia geral e aproximada do assunto trabalhado. Este estudo foi realizado a partir de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de produzir uma síntese resultante da avaliação crítica de diversos estudos reunidos, a partir de seus descritores

Em um primeiro momento foi escolhida uma

base de dados online, pela facilidade no acesso as informações. A plataforma escolhida foi a Scientific Electronic Library Online - SciELO¹, em seguida foi definido um termo para busca, sendo escolhido o descritor Gay. Neste momento da pesquisa foram encontradas 446 produções, diante deste número seria impossível, nos limites deste texto, trabalhar com todas elas, então foram aplicados alguns filtros como uma forma de aperfeiçoar as buscas, na área de Coleções marcou-se Brasil, nos idiomas optou-se pelo Português e em seguida em SciELO Áreas Temáticas selecionamos Ciências Humanas, decorrente disto o número de arquivos caiu para 77, deste total foram baixados e utilizados neste ensaio 13 estudos, escolhidos inicialmente pelo título que possuíam e em seguida pelos dados expostos nos resumos, optou-se por aqueles trabalhos que apresentavam algo sobre a experiência do homem homossexual com o seu corpo, o seu gênero e a sua sexualidade.

Pelos critérios de exclusão foram descartados todos os ensaios que se voltavam para o âmbito clínico, como os que falam de HIV/AIDS, as pesquisas quantitativas, os trabalhos que abordassem a política, a religião, a homoparentalidade e o jurídico, assim como os que não abordavam a realidade brasileira, os arquivos repetidos e os que não estavam disponíveis para download. Diante desta seleção foram analisados e sistematizadas informações centrais que serão discutidas na continuidade deste texto.

PENSANDO SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Segundo Thomas Laqueur (2001), da Antiguidade até meados do Século XVIII, o corpo era compreendido como detentor de um sexo único e dependendo do grau de amadurecimento fisiológico do sujeito seria reconhecido o seu gênero, Jorge Leite Junior (2008), cita a visão aristotélica de que a criança já estaria formada no sêmen cabendo à mulher a função de “germinar a semente masculina”, seguindo a sua linha cronológica, nos apresenta a visão de Santo Agostinho, no século V que fazendo uma relação com as definições judaico-cristãs e médico-filosóficas, depreendendo a mulher como “um macho falido”.

Com o passar do tempo essas concepções foram superadas e como afirma Laqueur (2001, p. 22), esse novo olhar sobre o corpo, como possuidor de dois sexos e dois gêneros, não decorreu de avanços no campo científico, mas são frutos de outros dois campos analíticos, porém não históricos, da epistemologia e da

política. No que se refere à epistemologia foi a não mais compreensão do corpo como um microcosmo, mas com uma base biológica, e em relação à política, foi a sua compreensão como uma esfera de disputa pelo poder que passou a instituir novos modos de construir os sujeitos e as relações sociais.

A esfera do política como disputa pelo poder ainda é presente por meio de uma ideologia compulsória, a heteronormatividade, na qual há uma concepção de que os corpos são marcados por um determinante biológico e este prescreve o modo de ser dos sujeitos em seu meio social, pois bem como apresenta Louro (2000) o corpo é educado através de uma pedagogia de gênero, construída e mantida para favorecer a heterossexualidade, buscando fazer com que os sujeitos vivam em conformidade com o seu corpo, gênero e sexualidade. Laqueur (2001), aponta ainda alguns outros fatos também contribuíram para tais mudanças, como a Revolução Francesa, o feminismo pós-revolucionário, o surgimento das classes, entre outros eventos.

Como podemos perceber o corpo vem tradicionalmente sendo afirmado como algo determinado biologicamente, e contrapondo a essa ideia Louro (2003), nos convida a pensá-lo como sendo um produto cultural, e por conseqüente estando em constante reconstrução, moldando-se aos momentos históricos e contextos. A autora destaca ainda a dificuldade que é pensar o corpo por esse ângulo, em virtude da necessidade de afastar o naturalismo pelo qual o corpo é geralmente é percebido, porém superar esse olhar naturalista é imprescindível, pois só assim nos é possível percebermos o seu caráter histórico e mutável. Conforme Louro (2000), a diferença entre os sexos vai além do sexo anatômico, pois são afetados pelas práticas discursivas, não sendo estático, pois o mesmo que é natural ao assumir o seu valor social renuncia ao natural, compreendo então, o gênero como o significado incorporado ao sexo seguindo os padrões culturais.

Para Butler (2003) grande pensadora do movimento *queer*, o gênero seria, o que provoca a materialidade, clareza e relevância do que compreendemos enquanto corpo, arranjado em uma dicotomia e sexualidade específica. Afirma ainda que tanto o sexo como o gênero são construtos sociais, sendo o gênero o que constata se o corpo em questão é ou não humano, é o que viabiliza os corpos para viverem no interior de uma cultura e ainda apontam quais são aqueles abjetos, que não se adequam aos padrões de gênero.

De acordo Louro (2000), o gênero vem se transformando ao longo dos anos, passando a ser entendido como dinâmico e histórico-cultural,

¹ <http://www.scielo.org/php/index.php>

abandonando a antiga relação ao binarismo. Atualmente entende-se por gênero os atos performativos que se constituem pela iteração da linguagem e pela cinesia dos indivíduos que produzem significados, a autora destaca que a diferenciação corpórea por muitas vezes é baseada na materialidade, contudo as diferenças também são geradas pelos discursos, tirando o macho e a fêmea do campo natural e trazendo os para o campo social como homem e mulher.

Assim, a subordinação das mulheres aos homens funda-se no fato destas apresentarem certo perigo ao poder até então possuído apenas pelos homens, para Torrão Filho (2007), o feminino sempre se configurou enquanto uma ameaça à sexualidade do homem, quanto à masculinidade sempre foi um traço negado às mulheres, os homens que ultrapassam as barreiras da heterossexualidade, corromperiam a ordem natural e “rebaixam seu sexo escolhendo estar abaixo de outros homens; e as mulheres lésbicas, por sua vez, usurpam um poder que não lhes pertence, e ao qual sequer podem usar, já que são desprovidas dos meios da consumação da masculinidade” (p. 143).

No que se refere à sexualidade Louro (2000), declara que esta é um processo no qual os genitais são entendidos como produtos culturais e no qual seus significados são infligidos por meio simbólico aos indivíduos que os possuem atribuindo-lhe traços culturais, discursivos e históricos. Por tais descritos compreendemos o corpo para além de algo determinado pela natureza, sobrepondo ao mesmo uma série modificações advindos dos desejos do sujeito e do seu contexto cultural.

SOBRE A DESCOBERTA, ACEITAÇÃO E SOFRIMENTOS NO CONTEXTO DAS HOMOSSEXUALIDADES

A homossexualidade, também denominada homoafetividade para Noletto (2014), conforma-se enquanto “plural, contextual e historicamente situada” (p. 79). Segundo Toledo & Panifi (2012), vários dos estigmas relacionados aos homossexuais advêm de séculos posteriores causados por cultura judaico-cristã, que considerou esse tipo de prática como pecado, no século XVIII, o pecado passou a ser apontado como doença por meio do julgamento psiquiátrico e médico, e na pré-modernidade em alguns países da Europa deitar-se com outro homem era considerado crime.

Para Zago (2013), a sexualidade enquanto dispositivo constrói e desconstrói o próprio sexo que é entendido como definido pela natureza, transparecendo discursos e produzindo corpos, gerando vida. No qual os mesmo que desviam da norma compulsória buscam

reequilibrar o dispositivo da sexualidade que os constitui enquanto desviantes.

Muitos significados construídos sócio-historicamente com relação à sexualidade são marcados por uma visão reducionista e biologizante, que desconsidera aspectos histórico-sociais na construção e vivência da sexualidade humana. Assim, criam-se visões patologizantes que se transformam em significados compartilhados socialmente, entendendo que os desvios e perversões devem ser evitados, marginalizados e excluídos, enquanto existe um padrão sexualmente “correto” que deve ser seguido (COELHO & CAMPOS, 2015, p. 896).

Referenciando Catañeda (2007), Toledo & Panifi (2012), asseguram que o caráter de promiscuidade fortemente ligada à imagem do homossexual é resultante da liberação gay em 1970 que foi concomitante a liberação sexual, no qual todos – incluindo os heterossexuais – entregaram-se a uma liberdade de amar, tal fato ocasionou grandes mudanças nos hábitos sexuais. Porém, a devassidão não foi relacionada aqueles que seguiam as normas, ou seja, aos heterossexuais e sim, aos homossexuais como se esse traço fosse integrante da sua essência, outros pontos que também levou a essa ligação foram o poder socioeconômico, por não terem filhos e esposas os homossexuais apresentavam um elevado índice de consumo e atividades sexuais.

Dado este fato, mesmo com os avanços no entendimento da homossexualidade, ter um gay na família regularmente tem sido motivo de vergonha. Segundo Soliva & Silva Junior (2014), os pais são aqueles que primeiro reparam os sinais de que os filhos estão apresentando uma desconformidade, e com isso instauram um movimento opressor sobre eles buscando “resgatar” os seus filhos, muitas vezes pelo medo de “manchar” a reputação da família.

Perucchi, Brandão & Vieira (2014) ilustra bem essa ideia, pois apesar do amor ao filho à mãe o manda embora por medo de como a sexualidade dele pudesse afetar socialmente a família. As autoras afirmam ainda que a expulsão não aparece como sendo a pior experiência da revelação, mas sim as frequentes humilhações ocorridas quando estes indivíduos continuam no seio familiar.

Os autores Soliva & Silva Junior (2014), apresentam três fases no processo de revelação da sexualidade no âmbito familiar, sendo que estas não se configuram enquanto algo intrínseco a todos os casos, a primeira fase seria o “Período de Desconfiança”, na qual ocorrem intervenções aos comportamentos dos filhos

para que demonstrem conformidade com a heterossexualidade, seguida da fase de “Descoberta da Homossexualidade”, aqui o medo da confirmação do desejo tido como desviante torna-se um integrante da relação familiar e a violência pode fazer-se presente em todas as suas esferas, a terceira fase a “Reconciliação”, ou mesmo de definição da situação (a aceitação pela família ou a saída definitiva da casa dos pais)” (p.133).

Frente a isto, é possível refletir que a heteronormatividade presente no seio da família instala-se enquanto uma das piores e mais sofridas formas de repressão vividas pelas pessoas que não seguem o modo hetero de ser, pois os pais utilizam-se da superioridade na hierarquia familiar para vigiar e comandar a condutas dos filhos. Para além do âmbito familiar o espaço escolar tem se mostrado cada vez mais aversivo para os sujeitos homossexuais diante dos constantes xingamentos e agressões.

Conforme Bortolini (2015), a escola apresentasse como um lugar que ensina a conformidade entre a tríade corpo-gênero-sexualidade, mesmo que tal plano não esteja presente nas diretrizes educacionais. Para o autor evoluir esses pontos no processo de ensino-aprendizagem é extremamente árduo, mas que deve ser tratado com certa urgência, criando novas “práticas pedagógicas e de gestão que invistam na construção de outras representações e relações de gênero-sexualidade, que não hierarquizem, que não estigmatizem, que não violentem, que não matem” (p. 483).

Souza & Pereira (2013), em um ensaio sobre como a homofobia é reproduzida pelas próprias vítimas no espaço de trabalho, esclarecem que a liberdade que empresa dá aos empregados de expressarem abertamente o seu desejo configura-se como um dos principais fatores para que funcionário atinja a satisfação em relação ao seu ofício. Em seus relatos os autores contam que os entrevistados que se identificam enquanto gays ao serem questionados acerca de suas relações com homens gays mais afeminados tanto profissionalmente como socialmente, demonstraram uma verídica repulsão e, afirmaram ter uma conduta baseada na discrição em seus ambientes de trabalho, o que para os autores deixa claro o medo da discriminação, porém relatam que a sofrem de forma indireta, como a estagnação da carreira. Referenciando Schneider (2004), Poeschl, Venâncio & Costa (2012), afirmam que a homofobia é melhor aceita do que o preconceito contra outros grupos.

Quanto a isto, no entendimento de Toledo & Panifi (2012), citando novamente Castañeda (2007), não haveria um lado positivo na revelação da verdadeira sexualidade do sujeito, pois ao fazer sofriam com estereótipos e conflitos, podendo até mesmo motivar um afastamento da vida social. Os autores destacam ainda o

alto índice de suicídio entre os jovens gays e colocam a homofobia como principal causa. Sendo a homofobia para elas um mecanismo de defesa que projetam de forma distorcida e inconsciente o desejo de terem relações sexuais com indivíduos possuidores do mesmo sexo biológico.

As vivências sufocantes na tentativa de se esconder ou conviver com as humilhações recaem sobre a saúde dos sujeitos, Baeré e Zanello (2019), apresentam um ensaio que trazem relatos autobiográfico de tentativas de autoextermínio por homens gay e bissexuais, as primeiras idealizações vieram ainda na adolescência devido ao desconforto no lugares de socialização, a família e escola como anteriormente falado, tento entrevistados que tiveram a primeira tentativa aos 10anos e outro aos 12 anos de idade.

Mediante todo esse o sofrimento experienciado pelos sujeitos gays a busca por um acompanhamento psicológico não é raro. Para Toledo & Panifi (2012), o papel do psicólogo no atendimento ao público LGBT não fazer com que eles se adaptem aos padrões normativos, mas ajudá-los “a produzir uma existência na qual sintam que podem habitar sem sofrer” (p. 152).

Entende-se então que a prática psicológica não deve seguir o regime ditado por uma moral ou religião. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) aprovou em 1999 uma resolução que regula a atuação do psicólogo no que diz respeito à sexualidade daqueles que procuram os seus serviços, evitando a patologização dessa modalidade sexual. Pois uma visão fundamentada na religião, na moral e nos bons costumes são inapropriados a trabalho de tais profissionais, pois se tonam uma forma de intolerância encoberta pelo que as autoras chamam de “pseudo-neutralidade-científica”.

O fato de os próprios homossexuais reproduzirem a homofobia, que pode ser percebida como uma forma de proteção, no qual os sujeitos podem pensar que para não serem publicamente ofendidos, eles ofendem, e assim criam uma imagem de aversão à “sexualidade desviante”. Fato confirmado pelo ensaio Baeré e Zanello (2019), em que alguns entrevistados afirmaram ter esse comportamento para demonstrarem uma aversão a homossexualidade e assim se protegerem do ataques. Pensando esse ponto, estes sujeitos transpassam um preconceito que não lhes pertence, mas sim um preconceito cultivado culturalmente.

Podemos constatar que o fator que obscurece a homossexualidade em relação ao homem é fato da proximidade com a feminização, ao se entregar a outro homem como uma mulher. Aqueles que assumem a função passiva na relação sexual são ainda mais reprimidos até mesmo entre os próprios gays, enquanto os que muitos dos que dizem ativos nem se consideram

homossexuais, pois estando situado em meio a uma cultura que estabelecem fortes padrões a serem seguidos há uma valorização daqueles que mantêm a sua virilidade e masculinidade.

Os estereótipos e preconceitos heterossexista estão assumindo novas formas na contemporaneidade, estando cada vez mais veladas devido a uma “política da boa vizinhança”, pois os sujeitos sabendo que tais atos seriam seriamente reprimidos, o que é mais preocupante por que, antes explícito seria mais fácil uma conscientização, porém quando velado à chegada a essa parcela torna-se imensamente mais difícil e essa nova forma tem se revelado sempre que surge uma oportunidade, os sujeitos sentem-se ainda obrigados a suprimirem ou mesmo sublimarem – no sentido psicanalítico – o seus desejos e impulsos, como meio de não sofrerem represálias pelo simples fatos de dar vazão e viver aquilo que acreditar ser a sua melhor forma.

A INTERNET E A SUPERVALORIZAÇÃO DOS CORPOS NO CONTEXTO DA HOMOSSEXUALIDADE

Aqueles que preferem ter suas práticas sexuais com outros homens mantendo para a sociedade, de certa forma, a sua imagem heterossexual usam como válvulas de escape as salas de bate papo ou sites de relacionamento gay, nos quais segundo Zago (2013), na grande maioria das postagens encontram-se “corpos-sem-cabeça”, mostrando apenas abdomes sarados, pernas e braços torneados ou mesmo os órgãos sexuais, e nada de cabeças, pois a cabeça revelaria a face, sendo esta a parte mais pública do corpo, faz com que o mesmo seja reconhecido e uma identidade lhe seja atribuída, não sendo qualquer identidade, mas aquela que é resultante dos dispositivos da sexualidade. “Dar a face às vistas nas imagens dos perfis online dos sites de relacionamento gay equivaleria a dizer o próprio nome, equivaleria ao se assumir gay, equivaleria à saída do armário” (ZAGO, 2103, p. 423).

Em uma pesquisa semelhante, realizada nas salas de chat de São Paulo, Miskolci (2013), inicialmente observou a presença assídua de perfil de homens que não estão imersos no meio gay no seu dia a dia, assim como os que mantem um namoro ou casamento hetero. Alguns apontam que as amizades advindas dessas plataformas são resultantes de encontros frustrados, já que estão ali à procura de sexo ou de um relacionamento. Não sendo um relacionamento qualquer, mas um no qual ao estarem juntos sejam vistos apenas como amigos, conforme afirma um dos colaboradores da pesquisa, eles devem ser percebidos como “[...] dois amigos que saem pra paquerar mulher [...] o importante é rolar quando a gente

está sozinho” (p. 309). É importante ressaltar que um dos pontos mais relevantes apresentados na pesquisa é que tais sujeitos chegam a sabotarem as próprias relações quando se sentem ameaçados, ou seja, mesmo com um vínculo afetivo construído abdicam do relacionamento diante do medo de terem o seu verdadeiro desejo revelado.

Congêneres aos resultados obtidos por Zago (2013), na pesquisa de Miskolci (2013), os usuários também exteriorizam uma supervalorização a expressão da masculinidade. Sendo assim, os indivíduos optam por exibir partes do corpo que resguardem a sua identidade e ademais na atualidade o corpo tem ganhado cada vez mais destaque no momento da sedução. Apoiado em uma observação participante em sites de relacionamento voltados ao público gay Zago (2013), comprova que o corpo tem ocupado o centro da biosociabilidade gay na internet, o corpo é por ele entendido como sendo histórico e carregado de sentidos e significados que o constituem, destacando ainda que na biosociabilidade gay online o que se expõe é o que atende à demanda da mesma, na onda fitness e da boa forma, colocam o corpo como um currículo, no qual mostra tudo aquilo que podem ser.

Como afirmam Pereira & Ayrosa (2012), vivemos em um período de culto ao corpo e no universo gay a estética corporal pode confirmar uma identidade gay ou ser usada como forma de encobri-la, a forma como os indivíduos percebem os seus corpos é fortemente contaminado pelos ideais impostos pela cultura e suas relações sociais. Logo, diante das mudanças de comportamento que permeiam a contemporaneidade Fontes, Borelli & Casotti (2012), declaram que essas mudanças mitigaram as formas disponíveis para que os homens continuem a atestarem a sua masculinidade, então se voltaram para o corpo.

Pereira e Ayrosa (2012), relatam que em vários momentos da pesquisa, mediante as falas dos informantes, conseguiram notar que o corpo masculino, segue um padrão que valoriza a exaltação daqueles corpos que externam uma virilidade, uma hipermasculinidade. Destarte, este ideal de beleza apoiado na modelagem corporal seria uma das feições mais aparentes da identidade homo, contrariando a antiga imagem do indivíduo gay. Um dos entrevistados afirmou que esse corpo construído, que transpassa certo modo de masculinidade é nas entrelinhas um sinal da sua sexualidade, um sinal que somente outros sujeitos gays conseguem interpretar, sendo também uma forma de construir uma identidade que não fosse relacionada ao feminino e sim o mais próximo possível do homem heterossexual.

Para um certo grupo de gays, não é necessário apenas possuir um corpo musculoso, ter traços definidos e aparência jovem, mas também usar o corpo para reforçar perante a sociedade e os seus pares certo tipo de masculinidade. O corpo desejado por esse grupo não é apenas o corpo do outro, mas o seu próprio corpo, pois o corpo desejado é espelho do seu, ou seja, um corpo de homem masculino, heterossexual e dominante. Ter um corpo com signos que reforcem esse tipo de masculinidade é resistir ao estigma que o desqualifica, pois o associa ao não-homem, a quem transgride os papéis heteronormativos designados aos homens (PEREIRA; AYROSA, 2012, p. 298).

Semelhante a isto, a negativa ao que é feminino também está presente no momento da sociabilidade online já que, segundo Zago (2013), os usuários costumam, em sua maioria, se descreverem enquanto discretos e procuram por parceiros que possuam “postura de homem”, que sejam sigilosos e que tenham “aparência de normalidade”, sendo estes em sua prevalência não assumidos, e mesmo os que se apresentam enquanto assumidos sentem-se obrigados a se descreverem como másculos, pois se compreende que ao sair do armário, o homem gay perde a sua virilidade e masculinidade. Cardoso *et al.* (2019), em uma pesquisa realizada no aplicativo de relacionamento gay, Grindr, também contactaram os enaltecimentos destes mesmos pontos.

Opondo-se a toda essa aversão ao feminino, Noletto (2014), apresenta no seu estudo etnográfico sobre os concursos “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” realizados em Belém, no período de São João, como sendo um título de valor simbólico, aos gays, travestis e transsexuais participantes, pois o mesmo seria um “reconhecimento da assunção de uma feminilidade idealizada performaticamente” (p.98). Apontando ainda a importância do espaço aberto por estes concursos que fazem estes sujeitos saírem das periferias urbanas, sexuais, raciais e de gênero no qual se encontram para naquele momento ocuparem os espaços centrais e “brilharem como estrelas de São João”.

Desse modo, a concepção de que um corpo musculoso que é sinal de masculinidade e virilidade, leva os homens que se relacionam com outros homens a buscarem alcançar essa imagem corpórea, para obterem respeito, segurança e domínio por meio do corpo. A construção de um corpo super masculinizado aparecem com dois objetivos: como uma forma de mascarar a sua sexualidade no meio social e de ter uma vantagem no momento da sedução, visto que a demonstração de um semblante másculo lhe daria uma vantagem sobre os outros gays em decorrente dessa valorização dos traços masculinos.

Observa-se que essa construção dos corpos se dá por meio de um aprendizado transmitido culturalmente que é ditador e que busca encaixar o sexo na “caixinha” do gênero que lhe é determinado. Essa hipervalorização do que é masculino é um traço histórico-cultural que coloca o homem como sendo um ser superior à mulher e com isso faz-se necessário uma recusa a tudo aquilo que é feminino. Diante disto, os sujeitos possuidores de um sexo que expressem traços ou que se identifiquem com o outro gênero que não seja aquele que lhe é imposto mediante o seu genital, são deslegitimados, marginalizados e se tornam invisíveis por ocuparem os “bueiros” das cidades e quando notados são ridicularizados, espancados e mortos. Contata-se que tudo isso é resultante de um binarismo do gênero que ainda na contemporaneidade é fortemente presente e defendido, já que gênero é tido como resultante do dicotomismo sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da produção científica observada podemos perceber que a sociedade está vivendo um período de constante busca pela desconstrução de valores e condutas opressoras abrindo espaços para que os sujeitos possam gozar da sua liberdade existencial. O presente estudo propôs-se a compreender o modo pelo qual a homossexualidade é percebida mediante a vivência da tríade corpo-gênero-sexualidade utilizando-se de uma revisão sistemática de literatura. Percebe-se que nas relações homoeróticas o corpo tem assumido a centralidade das relações, que o corpo tem sido construído e moldado para traduzir uma identidade e com isso acabam ressignificando a masculinidade.

É evidente no que diz respeito à forma como o sujeito se percebe independentemente da sua anatomia e da sua sexualidade o preconceito é ainda maior, aqueles que se permitem ser fluidos entres os gêneros ou que identificam com aquele que culturalmente não concerne ao seu sexo são sentenciados a um enorme sofrimento. Frente a isso se mostra a necessidade de discussão dessa esfera, para que possamos alcançar o entendimento de que o gênero não é determinado pela anatomia do sujeito, mas construído socialmente, e que as pessoas tem o direito de apresentar-se publicamente de uma forma congruente, e assim reconhecer que o gênero é identidade cultural do sexo, buscando ainda superar essa desvalorização acentuada do feminino. Conclui-se que a sexualidade que muitos optam por esconder em consequência do medo de sofrerem com o preconceito, pode ser também compreendida como é um construto social, permitindo o reconhecimento da sua fluidez.

Por fim, faz-se necessário ainda desconstruir

uma heteronormatividade gay que nos faz pensar que o sexo só é possível se houver uma dicotomia, um ativo e passivo, um que domina e outro dominado, percebemos ainda que os próprios homossexuais são os primeiros a se rotularem, quando criam grupos e subculturas, tornam-se

componentes de um corpo social exageradamente heterossexista que faz com que se escondam em perfis na internet, no qual se sentem seguros para demonstrarem os seus desejos e afetos.

REFERÊNCIAS

BAERE, F.; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 25, e44147, 2020. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722020000100208&lng=pt&nrm=iso>.

acessos em 23 jul. 2020. Epub 18-maio-2020. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>.

BORTOLINI, A. O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 45, 2015, pp. 479-501

BUTLER, J. **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

CARDOSO, João Gabriel Maracci et al. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 30, e180160, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100206&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 jul. 2020. Epub 11-Abr-2019. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180160>.

COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. Diversidade Sexual e o Ensino de Ciências. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 21, n. 4, 2015, pp. 893-910

CORDEIRO, Alexander Magno *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, 2007, pp. 428-431. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 13 jun. 2016

FONTES, Olivia de Almeida; BORELLI, Fernanda Chagas; CASOTTI, Leticia Moreira. Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre a masculinidade e o consumo de beleza. **Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre, 72^a ed., n. 2, 2012, pp. 400-432

FRY, Peter. **O que é Homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, 1995, pp. 57-63

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, pp. 13 – 40 [cap. 1]

LEITE JUNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico**. São Paulo: Annablume 2011.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed., rev e ampliada. São Paulo: Atlas, 1990

MISKOLCI, Richard. **Machos e Brothers: Uma Etnografia Sobre o Armário em Relações Homoeróticas Masculinas Criadas On-line**. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, pp. 301-324

NOLETO, Rafael da Silva. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**. n. 18, 2014, pp. 74-110

PEREIRA, Severino Joaquim Nunes; AYROSA,

Eduardo André Teixeira. *Corpos Consumidos. Organizações e Sociedade*. Salvador, v. 19, n. 61, 2012, pp. 295-313.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO; Brune Coelho; VIERIA, H. I. S. Aspectos Subjetivos da Homofobia Intrafamiliar e Saúde de Jovens Lésbicas e Gays. *Estudos de Psicologia*. v.19, n. 1, 2014, pp. 67-76

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências de (Não) Revelação da Homossexualidade e Preconceito Sexual: O Ponto de Vista das Pessoas Homossexuais. *Psicologia*. Lisboa, v. 26, 2012, pp. 33-53

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista da. Entre Revelar e Esconder: Pais e Filhos em Face as Descobertas da Homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*. n. 17, 2014, pp. 124-48

SOUZA, Eloisio Molin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) Produção do Heterossexismo e da Heteronormatividade nas Relações de Trabalho: A Discriminação de Homossexuais por Homossexuais. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*. São Paulo, n. 4, v. 14, 2013, pp. 76-105

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A Clínica Psicológica e o Público LGBT. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2012, pp. 137- 63

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. *Cadernos. Pagu* [online]. 2005, n.24, pp.127-152. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>>. Acesso em: 10 jun. 16

VIANNA. Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. 3, 2015, pp. 791-806

ZAGO, Luiz Felipe. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. *Interfaces*. v.17, n.45, pp.419-31, 2013.